

Prémio de História Contemporânea Edição 2000



Reconhecer

Hélio Osvaldo Alves

Benvindos à nona edição do Prémio de História Contemporânea e muito obrigado pelo apoio que nos dão, estando aqui.

Quando vemos tantas sessões de pura índole cultural ficarem lastimavelmente quase vazias de assistência; quando verificamos que sessões ditas “culturais” se encham por via de um certo clientelismo sempre amorfo que nada tem a ver com a cultura, sendo até seu inimigo visceral; quando olhamos para as estatísticas de sucesso do *voyeurismo* nacional, da televisão que dizem ser nossa; quando nos lembramos que somos nós mesmos, nesta Universidade, que temos de fazer a notícia desta sessão pois que, de outra forma, a avassaladora maioria da imprensa escrita, falada e televisiva, com raríssimas excepções, não nos reconheceria mercedores de algumas parcas palavras; quando sabemos tudo isto e muito mais e vemos as pessoas que estão aqui pela simples razão de que se sentiriam incompletas estando noutra lado, há um calor que nos vem ao peito e que nos diz que valeu a pena.

Mas não somos nós quem está aqui em causa, verdadeiramente. Pairando sobre esta sessão e enformando-a no seu todo, está o espírito do homem, do cientista, do cidadão, que pensou construir este gesto fraternal para com os

mais novos que vão encetando agora a sua caminhada pelos atalhos da História Contemporânea de Portugal, sem o estudo dos quais ficaríamos para sempre com uma visão necessariamente anquilosada de nós mesmos. Estou falando, como toda a gente sabe, do Prof. Doutor Victor de Sá, cujo inovador e fundamental papel no estudo da nossa História Contemporânea só pode ser comparável ao valor da sua própria cidadania. Não admira, pois, que essa cidadania se reflecta também na mão que estendeu às gerações mais jovens permitindo, desta forma, que os elos se não quebrassem e que algum incentivo permitisse uma continuidade de estudos que todos reconhecem – ou deveriam reconhecer – como essenciais para a fundamentação da nossa identidade.

Nem tudo, pois, são nuvens negras. E se um Prémio como este, resistindo contra ventos e marés, se foi afirmando na sua seriedade e na sua posição única na sociedade científica portuguesa, está também aqui em jogo a clarividência de algumas pessoas e instituições. Não é um agradecimento que aqui se faz, pois os agradecimentos tendem a diluir-se em significados que são, por vezes, que me desculpem a expressão, corriqueiros de tão repetidos.

É o reconhecimento de que, sem a boa vontade de pessoas e instituições exteriores a esta Universidade, este Prémio, embora fosse possível ainda, não teria o impacto e o significado que todos nós desejamos que ele tenha.

É o reconhecimento da boa vontade sempre expressa e aberta dos membros de todos os nove júris que se reuniram durante estes nove anos para deliberar sobre o valor das obras que os concorrentes decidiram apresentar.

É o reconhecimento da confiança que várias dezenas destes concorrentes depositaram no valor do Prémio por cuja distinção, muito mais do que pela remuneração, ansiavam.

E é também, citado em último lugar para vir especialmente sublinhado, o reconhecimento da vontade de participar nesta aventura da mente, expressa por todos aqueles que responderam ao nosso apelo do mecenato num país ainda tão pouco habituado a dar sem esperar receber: para além do próprio Prof. Victor de Sá, este nosso reconhecimento estende-se ao Governo Civil de Braga, à Fundação Cupertino de Miranda, à Fundação Eng.º António de

Almeida, à Câmara Municipal de Guimarães, à Câmara Municipal de Famalicão, à Câmara Municipal de Braga e à Universidade Lusófona. Um reconhecimento é sempre mais, a meu ver, do que um agradecimento, pelo menos na extensão da sua temporalidade. Assim é este.

Também ao Prof. Doutor Jorge Fernandes Alves, distinto colega e amigo, as minhas especiais e calorosas saudações muito sentidas pela sua presença que mais dignifica este acto.

Ao laureado, Dr. Telmo Henrique Faria, e à sua obra "Debaixo de Fogo!", os meus parabéns em nome do Conselho Cultural e, atrevo-me a dizê-lo, do Prof. Victor de Sá, cujo maior gosto seria, como bem sabemos, o de poder assistir hoje a esta sessão.

O nosso reconhecimento ainda a todos os que aqui vieram dar mais significado a esta festa.